

O CINEMA SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS¹

Adriana Barbosa²



Débora Nakache é doutora em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires (UBA). Participou da Coordenação da Rede Kino (2022-25). Professora Titular de Psicologia Educacional e do Mestrado em Psicologia Educacional na Faculdade de Psicologia (UBA). Professora do Mestrado em Problemáticas Sociais Infantojuvenis na Faculdade de Direito (UBA). Diretora do Projeto de pesquisa (UBACyT) "O escolar sob o olhar de crianças que criam curtas-metragens". Coordenadora do Programa "Meios na escola" do Ministério da Educação (Cidade de Buenos Aires). Organizadora

¹Entrevista recebida em 17/10/2025. Aprovada pelas editoras em 06/11/2025. Publicado em 10/12/2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.70034>

²Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: adrianabs@id.uff.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4859423752005745>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7841-9993>.

do "Hacelo Corto", Festival de curtas-metragens produzidos por crianças e jovens desde 2002 e membra da Comissão de Educação da ASAECA.

Adriana Barbosa: Débora, pensando na sua trajetória e na sua experiência, queria que começássemos a conversar principalmente sobre o Festival Hacerlo Corto, esse festival que já tem mais de 20 anos nas escolas públicas da cidade de Buenos Aires.

Débora Nakache: *O Festival Hacerlo Corto surgiu no ano de 2002. Em 1994 começou a haver um projeto de vídeo dentro do programa Meios na Escola, que naquele momento estava trabalhando com formação nessa área e tínhamos uma mostra de vídeos realizada pelas escolas. E em 2002 surge a ideia e a pergunta de por que não transformar essa mostra em um festival de cinema. Aí, junto com as pessoas com quem coordeno o programa, porque não sou a única coordenadora, mas coordenamos junto com Gabriela Rubinovich e Andrés Avesher, porque é uma equipe interdisciplinar que coordena o programa Meios na Escola, pensamos que valia a pena esse novo desafio.*

Adriana: De que maneira este festival mudou o que já existia como mostra de cinema estudantil?

Débora Nakache: *A primeira questão importante é que demos a isso todas as características que um festival de cinema do circuito cultural tem. E eu acho que essa é uma das grandes transformações, porque faz com que o material das escolas, que normalmente é visto apenas pelas próprias escolas, pudesse circular, deixando de ser algo endógeno. De repente, passou a acontecer nos cinemas da Cidade de Buenos Aires. Em 2002, começou em uma aliança com cinemas comerciais, com a rede Hoyts, nesse momento no shopping do Abasto. Com todo um circuito de jurados que, em geral, sempre montamos de forma interdisciplinar e até hoje. Ou seja, com uma competição de filmes. Com um aspecto interessante de poder montar certa pré-seleção dos materiais. E, acima de tudo, com um trabalho permanente entre a escola, a comunidade mais ampla onde esse material é visto e o próprio campo audiovisual, que às vezes traz diretores de cinema que estreiam, exibem material ou observam os materiais e devolvem uma ajuda, uma visão para os jovens. Então, bom, esse é um*

pouco o tecido do festival Hacerlo Corto. É um festival que tem uma organização bastante sofisticada, diria que fomos dando sua materialidade ao longo desses anos. Uma modelagem que teve a ver com uma história em que testamos diferentes dispositivos. Por exemplo, toda a parte de pré-seleção fazemos mais internamente no Ministério da Educação porque nos parece que aí precisamos cuidar da perspectiva institucional, de que de algum modo o ministério valorize e tenha uma apreciação sobre os materiais que serão exibidos. O que acontece quando temos alguma situação em que aparece uma violência explícita nesse material, porque em geral nos debates audiovisuais temos certos consensos sobre como proteger as crianças das coisas que elas não fazem. Mas aqui aparece todo um debate de, bom, quando os meninos, as meninas, os adolescentes principalmente, colocam na tela certas questões, neste caso um filme meio policial em que um dos adolescentes esfaqueava seus colegas como resultado de um ataque meio de raiva, bom, o que fazemos com esse filme? Ele é exibido? Não é exibido? O que isso vai implicar? E isso é discutido dentro do comitê de pré-seleção.

Além do júri, composto por pessoas de diversas instituições, há o júri entre pares, que são os júris infantis e juvenis que também analisam o mesmo material e premiam. E isso é o que para nós cria como uma multiplicidade de apreciações, de avaliações, que fazem com que essa arbitrariedade que a competição supõe, que sempre é arbitrária, reflita que há uma fundamentação que faz certo coletivo em relação a valorizar esses filmes e outro coletivo cria outras e assim por diante.

Mas o grande prêmio do festival é ver os filmes no cinema de verdade. Isso é o mais importante. Em telas gigantes. Sim, em telas gigantes e em um cinema. Porque já experimentamos em algum momento, fizemos em escolas que têm como o Bernasconi, que tem um auditório, cinema, e não é a mesma coisa que o cinema. Neste momento, é feito no cinema Gomont, nos cinemas do complexo do Cultural San Martín e no cinema do 25 de maio. Então, imagina para os meninos, meninas, jovens, claro, e suas famílias, sim, assistir aos filmes nessas salas.

Adriana: Você tem uma vasta experiência em pesquisa sobre esse tema. Como tem sido a articulação entre a teoria e a prática? Ou seja, as ideias acadêmicas sobre o audiovisual e a produção e o campo de realização?

Débora Nakache: *Eu sou professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, sou titular de Psicologia Educacional, e acredito que quando mostro, aos teóricos da área, as produções feitas pelas crianças nas escolas, há algo que se evidencia, que é que os meninos e as meninas têm um olhar singular sobre uma quantidade de temas que, em geral, é um olhar ausente na comunicação social habitual. Porque habitualmente vemos materiais feitos por adultos para crianças, no melhor dos casos, porque sabemos que há pouca trajetória em nosso país nisso, com a linda exceção do Canal Paca Paca, do Encuentro, mas poderíamos dizer que, em geral, há poucos adultos que pensam em falar com as crianças na hora de montar o cinema, por exemplo, que é algo que me interessaria muito entender.*

Por que não há esse desejo de falar com as crianças como público? As crianças também não falam necessariamente com outras crianças, mas trazem algo do seu repertório, da sua própria visão. E isso me parece que, colocado na sala de aula universitária, começa a organizar um campo de visibilidade que não é nada evidente. Para um futuro psicólogo ou psicóloga, gera a possibilidade de pensar e ampliar o repertório das maneiras de explorar as formas de expressão infantil. Mas não através do audiovisual. E o que nós estamos investigando é justamente como os meninos e meninas mostram ali um pouco do seu mundo. Talvez como alguma vez fizeram em seus desenhos, mas que hoje, claramente, a acessibilidade da tecnologia, sobre a qual também poderíamos falar bastante. O TikTok, o reel do Instagram, aqueles jeitos que os jovens têm de montar seus próprios vídeos, até vídeos que fazem para explicar um videogame ou um filme que gostam no YouTube ou o que for, são todas maneiras de se posicionar e dizer: este sou eu, estas são as coisas que me acontecem, estes somos nós. E isso me parece crucial para psicólogos e psicólogas.

E aqui, foi muito interessante observar diversos processos. Por exemplo, como o festival conseguiu marcar crianças e adolescentes que estrearam seus filmes ainda no Ensino Médio e que mais tarde se tornaram cineastas. Entrevistei sete crianças que compartilharam o que o festival significou para elas naquela época. E o que ficou claro é que o festival foi um ponto de virada para elas. Também entrevistei alguns professores que compartilharam suas experiências com o festival em seus alunos. E algumas situações que são muito valiosas em psicologia, por exemplo, tudo relacionado à patologia, ou melhor, as maneiras pelas quais a infância é patologizada

hoje em dia, onde um rótulo é aplicado rapidamente. E, de repente, surge uma situação em que uma criança de cinco anos, que havia sido rotulada como tendo mutismo seletivo, por exemplo, começa a falar enquanto faz o filme no jardim de infância. Quer dizer, veja bem, não é como se fosse mágica, como se o filme o fizesse falar, mas se o filme é uma causa — não no sentido de explicar a causa, mas no sentido de algo que causa, algo que motiva — ele realmente dá ao menino a possibilidade de saber que sua mãe e seu pai o ouvirão, e que ele quer falar com eles, as pessoas com quem costumava conversar, mas com quem não conversava no jardim de infância porque não tinha coragem. É algo que surge do seu círculo íntimo e rompe essa barreira, e de repente ele está no cinema. E esse menino, naquele momento, ousa fazer algo que não tinha conseguido fazer antes. Bem, esta pesquisa lança luz sobre uma série de questões que já suspeitávamos, como a SAR (Resposta e Consciência Seletiva), e dizemos que isso é bom, e já fazemos isso há mais de 20 anos, mas de repente, investigar isso cria todo um corpo de trabalho, uma abordagem sistemática, e comunica o assunto, e bem, eu acho que sim, também o torna visível para a comunidade científica.

Adriana: Você é um membro ativo da Rede Kino - rede latino-americana de educação, cinema e audiovisual. Poderia nos contar um pouco sobre como a rede funciona?

Débora Nakache: Bem, a rede Kino é uma rede latino-americana de educação, cinema e audiovisual. Basicamente, a maioria da população, seus principais componentes, são brasileiros, porque a verdade é que a experiência brasileira com cinema e educação, por vários motivos, tem sido muito interessante e multifacetada. Acho que isso tem algo a ver com a questão — pelo menos suspeito que sim — e deveria ser estudado. Essa experiência produziu um grande número de cientistas que estudam esses temas, um grande número de universidades, bolsistas e cursos de graduação que atuam na área de cinema e educação, algo que não temos, ou temos de forma muito fragmentada. Algo que estamos tentando começar a fazer é encontrar um terreno comum, já que o campo se desenvolveu de maneiras diferentes: algumas pessoas da área da educação que estudam cinema ou tecnologia; algumas pessoas da comunicação social que estudaram comunicação e educação; algumas pessoas

da psicologia, como eu, que estudam esses temas, mas não conseguimos estabelecer um campo unificado, enquanto eles já têm um há algum tempo, com uma perspectiva muito interessante, onde a universidade — e este, para mim, é o componente fundamental — trabalha extensivamente com extensão. Em outras palavras, são extensionistas sérios; Eles têm uma enorme quantidade de recursos em universidades públicas dedicados à extensão universitária. Então, eles trabalham a partir das universidades produzindo filmes em escolas, em comunidades, em cineclubes — algo que tendemos a separar aqui. Talvez tenhamos isso na pesquisa, mas não existem programas tão amplos que combinem pesquisa e extensão, como, por exemplo, o programa de Adriana Fresquet, "Film for Learning and Unlearning" (Cinema para Aprender e Desaprender), que existe há muitos anos e trabalha com um departamento semelhante ao meu — foi assim que o conheci —, o de psicologia educacional. Mas ele já contou com um número enorme de bolsistas, projetos de pesquisa, doutorados e pós-doutorandos.

Então, essa experiência da Rede Kino, que estamos vivenciando atualmente no Brasil, no Festival de Cinema de Ouro Preto, um festival de cinema e patrimônio cultural, é onde a rede se reúne há muitos anos. Eles discutem diversos temas, compartilham experiências e trocam abordagens sobre o trabalho com cinema e educação. Este ano, começando no ano passado, iniciamos a coordenação e o desenvolvimento de uma rede de plataformas compartilhadas na América Latina. Este ano, estamos compartilhando uma chamada "Caminhando e Dançando com Filmes" e trabalhando com escolas em Belo Horizonte e aqui em Buenos Aires, compartilhando materiais. Agora, há outro grupo compartilhando cartas sobre cinema, ou correspondências sobre cinema, entre brasileiros e argentinos de diferentes províncias.

Adriana: Que mitos os pesquisadores e acadêmicos poderiam desaprender em relação à infância e sua relação com a mídia audiovisual?

Débora Nakache: Acho que várias coisas. Primeiro, eu diria que deveríamos desaprender a ideia de que as crianças se divertem apenas com o material que produzem. Com o material que produzem e com o que assistem. E que elas podem

não gostar de um segmento inteiro do cinema que seja diferente. E nesse ponto, o que descobrimos é que, quando sugerimos diferentes tipos de filmes para as crianças, elas se interessam, gostam, começam a aprender esses estilos. Então, acho que existe um mito aí: o de que isso não pode ser feito, que temos que mostrar a elas as coisas de que gostam em todas as escolas, em todas as casas — bem, basta dar a elas o que já viram. Acho que é aí que precisamos ampliar o repertório.

Outra coisa, eu diria que mais do que um mito, é uma prática bem estabelecida: a de que podemos falar sobre eles melhor do que eles próprios. Então, tudo o que fazemos sobre a infância é povoado por adultos que falam sobre infância, sobre adolescência, especialistas, que falam com base em certos conhecimentos. E acho que a CONACAI já tentou isso em algum momento, e o Conselho para Crianças e Adolescentes está tentando com algum sucesso. Acho que essas experiências são suficientemente impactantes para trazer as palavras, as vozes das próprias crianças, para o primeiro plano. Os materiais que as próprias crianças criam, os curtas-metragens que elas fazem, têm algo a nos dizer.

E, nesse ponto, algo que estou investigando é esse problema da perspectiva da criança, certo? Porque às vezes também fazemos isso — aliás, no início da minha pesquisa, fizemos isso — que era analisar materiais feitos por jovens e conversar sobre eles. Promovemos uma mesa-redonda sobre o que eles nos dizem nesses materiais. Agora estamos investigando com grupos focais o que eles próprios têm a dizer sobre esse material. E descobrimos que há coisas a desaprender, certo? Parece-me que, se déssemos aos jovens mais espaço real em nossas práticas para se expressarem, para mostrarem o que pensam, poderíamos desaprender muito do que acreditamos que eles pensam. E, acima de tudo, como sociedade, poderíamos começar a nos afastar dessa perspectiva tão profundamente enraizada no mundo moderno, essa visão paternalista, certo? Essa visão que às vezes os vê como delinquentes, encraveiros ou incômodos, ou essa visão de que temos que protegê-los, que temos que cuidar deles.